

# MARÉ VIVA

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I - N.º 34 — PREÇO 3\$50 — 23/2/77

## FASCISMO EM CAIXA ALTA

Os jornais fascistas que povoam Portugal surgiram, na sua esmagadora maioria depois do 25 de Novembro. Até essa data, alguns tinham já feito a sua aparição mas a grande maioria dos «jornalistas» preferiam duas soluções mais cómodas: ou o remanso do lar, vendo no que as modas paravam e aguardando a sua oportunidade (muitas vezes esse lar estava em Espanha, na Suíça ou no Brasil) ou então, muito anonimamente em jornais não declaradamente fascistas, com uma certa circulação, fazendo-se muito democratas, mas atingindo sempre que possível o público leitor com as suas subtilidades.

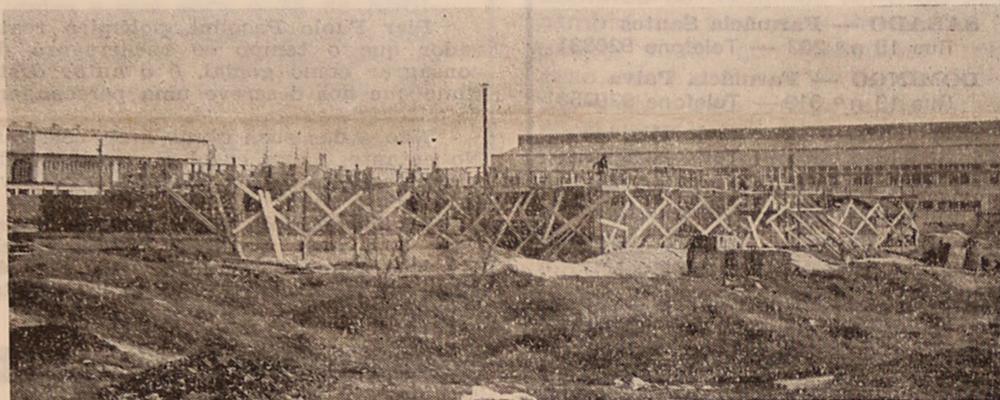
O pontapé de saída para os jornais fascistas foi dado por essa «espantosa» figura chamada Vera Lagoa. Com o jornal «O Diabo». O diabo, no entanto, foi a suspensão da folheta. Mas Vera Lagoa não desistiu. E avançou com o «Sol». Dessa vez quem tinha tido força antes já não a manifestou depois. E o negócio prosperou. A força de Vera Lagoa entusiasmou os editorialistas de direita que estavam na sombra. E foi um «ver-se-te-avias».

Neste momento a imprensa diária portuguesa é reaccionária (as excepções só servem para confirmar a regra). E o leque de jornais de esquerda é extraordinariamente reduzido. Ainda por cima, alguns deles

são ambíguos. O medo (que medo?) pende sobre si. Daí o ascenso do fascismo, que sabe aproveitar-se das hesitações dos seus inimigos, como ninguém mais sabe.

Não separemos, todavia, o fascismo nos jornais de toda a expansão fascista noutros campos. As coisas estão todas ligadas, dizia o outro. O ascenso do fascismo nos jornais acompanha o ascender do fascismo nas Escolas, nos despejos, no regresso dos patrões fascistas, nos «julgamentos» dos pides, etc., etc., etc.

(Ler «Jornais Fascistas em Liberdade» — última página).



PRIMEIRO TESTEMUNHO DO INICIO DAS OBRAS DO INFANTÁRIO

## Em arranque uma Cooperativa de Consumo e Habitação

Os princípios do cooperativismo parecem estar a encontrar em Espinho um acolhimento que aqui há pouco tempo não se esperaria. Depois da formação, com sucesso duma cooperativa cultural (a Nascente), eis que surge um movimento para a constituição duma cooperativa de consumo e de habitação. A difusão da iniciativa, através de cartazes e panfletos, faz acreditar que se trata de algo de muito sério e já com uma certa expansão. A pers-

pectiva de que se pode tratar duma experiência muito importante de cooperação e de aglutinação de muitos espinhenses em torno de questões tão fulcrais como a habitação e o consumo obrigava o «Maré Viva» a inteirar-se mais de perto dos projectos e amplitude do movimento. Foi o que fizemos, ouvindo elementos da comissão de arranque da cooperativa:

*Pensou-se inicialmente numa cooperativa de consumo e só mais tarde se viu a possibilidade de se arrancar também no campo da habitação. A ideia surgiu depois de várias conversas havidas entre amigos. Reuniram-se a este grupo inicial mais algumas pessoas e tomou-se a decisão de andar para a frente com o projecto, por se verem nele desde já grandes vantagens e por se ir preencher um lugar em aberto no concelho. Procura-se assim uma chave contra a inflação, a consequente subida do custo de vida e a especulação. E se uma cooperativa significa união e a união faz a força, poderá ser então um cordão contra esses flagelos.*

*A tarefa imediata foi alargar os contactos e disso encarregou-se cada um de nós. Para além dos amigos e de vários sectores laborais, era preciso dialogar com gente com mais experiência no campo cooperativista. Tivemos que estabelecer contactos fora de Espinho, pois aqui*

(Continua na pág. 3)

## DE SEMANA A SEMANA

### Televisão: esconder ou resolver?

Cerca de 20 jornalistas do Telejornal acabam de entregar à Comissão de Liberdade de Expressão do Sindicato dos Jornalistas, um relatório em que denunciam a existência de censura na RTP.

A par duma censura sistemática, só por si suficiente para classificar as pessoas que, no mais poderoso órgão de informação do país, a instauraram e a permitem, outras anormalidades são apontadas: «Fazem-se promoções baseadas em critérios político-partidários; premeia-se o seguidismo e, simultaneamente, a mediocridade; elimina-se o diálogo; não se reconhecem as estruturas democráticas dos jornalistas».

Como exemplo da manipulação da informação existente na RTP aponta o relatório este passo das instruções dadas pelo tenente Parente, director da Informação, para o programa sobre o 25 de Novem-

bro: «salientar a turbulência do Verão gonçalvista e a acalmia introduzida pelo 25 de Novembro». Tal e qual como antigamente!

Outros passos do relatório: «Tudo se faz para que os assuntos importantes sejam invariavelmente rematados com a opinião governamental». «Procura-se ocultar o grau de adesão a uma greve, a opinião de um sindicato, (...) não se podem referir, as palavras de ordem de uma manifestação, é também proibido afirmar que os EUA utilizam a sua força nuclear como ameaça e persuasão, não se pode dizer que a Polícia sul-africana reprime manifestações de negros e jornalistas». Tal e qual como antigamente!

O Sr. Secretário de Estado Manuel Alegre, que na sua comunicação ao País sobre os estudos da Comunicação Social, em 6 do corrente, se mostrou tão bem informado

sobre a existência duma «rádio de resistência» na Radiodifusão não teria conhecimento do que se vem a passar na RTP? E agora ainda será capaz de sustentar que tal rádio (se existe) tem «sabor ridículo a resistência serôdica»? Quem estudou a situação do Século até ao pormenor de poder informar o país de que essa empresa dá de prejuízo 25 tostões por segundo, ao proceder à análise do maior, mais importante e mais caro órgão de informação do país não foi além da constatação banal de que «há certo mal-estar na TV»?

Não, Senhor Secretário de Estado. O que se passa na Radiotelevisão Portuguesa é demasiado sério para se resolver com umas quantas frases morosamente buriladas, no jeito de quem faz poemas para dar à estampa. O responsável pela

(Continua na página 7)

## HABITAÇÃO

### A lei e o oportunismo

Conforme ficou expresso no último número, hoje iremos continuar o tema «Despejos», no que respeita à região de Espinho. E dentro deste assunto, debruçar-nos-emos sobre o Decreto n.º 583/76 de triste memória para todos aqueles que são inquilinos de emigrantes, especialmente.

Mas façamos um breve historial:

No tempo de Salazar, Marcelo & C.a L.da, havia uma lei que dava o direito ao senhorio de poder despejar qualquer dos seus inquilinos após 5 anos da compra da casa. Com o 25 de

(Conclui na pág. 6)

# NOTÍCIAS

## «MARÉ VIVA» - Novo formato

O desejo de conferir ao «Maré-Viva» um aspecto gráfico renovado e os problemas de composição tipográfica que essa renovação implica, obrigam a que o «Maré Viva» passe a aparecer aos nossos leitores, e a partir do próximo número, com novo formato, ligeiramente mais reduzido. Por esta razão, o «Maré Viva» será suspenso por uma semana, para aparecer no dia 9 de Março, altura em que daremos a explicação mais pormenorizada a que o leitor tem direito.

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Precavendo-se da possibilidade de ter de reunir extraordinariamente, a Assembleia Municipal de Espinho reuniu na manhã do último sábado, dia 19, no Salão da Piscina. O objectivo era aprovar o seu regimento, documento indispensável à orientação dos seus trabalhos.

A discussão teve como base um projecto de regimento, elaborado por um grupo designado na primeira reunião para esse efeito. Desse grupo constavam representantes de todas as associações políticas com assento na Assembleia e a ele poder-se-ia agregar qualquer outro membro da Assembleia.

Com a presença de 14 dos 21 elementos que constituem este órgão, o

projecto apresentado foi discutido e aprovado na sua totalidade, com excepção de quatro alterações pontuais e sem grande significado.

De registar a aprovação duma proposta que conferia ao 1.º Secretário da Assembleia Madureira Gil, a capacidade de substituir o presidente, Avelino Zinha, quando da ausência deste, o que é previsível, dada a sua qualidade de deputado na Assembleia da República.

## FARMÁCIAS

**QUARTA** — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

**QUINTA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

**SEXTA** — Farmácia Teixeira  
Rua 10 n.º 46 — Telefone 920352

**SABADO** — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

**DOMINGO** — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

**SEGUNDA** — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

**TERÇA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

## Férias

### interrompidas

Foi no passado dia 11 deste mês, que a P.S.P. de Espinho deteve Paulino Vendas dos Santos, «O Coradinho», de 16 anos e residente em Covelos, Silvalde, que juntamente com Adelino António F. Machado, «O Marreco», de 14 anos e residente em Espinho, furtaram do estabelecimento «Centro Fotográfico», sito na Rua 8, a quantia de 80 mil escudos.

No mesmo dia, foi também detido Carlos Alberto Bastos, «Beto», de 20 anos e residente em Aldeia, Silvalde, por se saber que juntamente com o Paulino comeu, bebeu e dormiu uma noite no Hotel PraiaGolfe à custa do dinheiro «ganho».

Mas isto não viria a ficar por aqui, já que depois de alguns interrogatórios

feitos, os detidos viriam a confessar que Domingos da Lomba Magalhães, «O Pistolinhas», residente em Barros, Silvalde, também era conhecedor do «golpe», já que o Paulino lhe tinha oferecido 15 mil escudos do dinheiro furtado.

Entretanto, o «Pistolinhas» só viria a ser detido no dia 14, por se ter ausentado para Espanha e lá ter comprado uns artigos no valor de 9 mil escudos, que também foram recuperados pela Polícia.

Como nota final, só metade do dinheiro do furto foi recuperado, já que os aventureiros se dedicaram a altas farras e a grandes compras, indo desde a compra de bons fatos, até espingardas e pistolas de alarme.

Depois de elaborados os processos pela Polícia esta entregou-os ao poder judicial, menos o Adelino António, por este ser menor, enquanto o Paulino recolheu a Custódias.

P. S. — Todos eles já cometeram anteriormente furtos, tendo o «Beto» e o «Pistolinhas» já respondido pelos mesmos. Acontecendo até que este último beneficiava presentemente duma pena suspensa por três anos.

Enfim, uns bons palmarés...

## PISCINA COBERTA

Foram submetidas a apreciação na última reunião do Conselho Municipal as várias propostas sugeridas pela SOLVERDE quanto à localização de tal empreendimento. Havia três hipóteses: a primeira situava a futura Piscina a Norte de Espinho acima da linha de Caminho de Ferro, ao lado do Cemitério; a segunda situava-a ainda mais a Norte, entre a linha do comboio e o prolongamento da Rua 20 (a executar); a terceira e última coloca a construção no lado Nascente de Espinho num local que dista 500 metros do Liceu, 350 metros da Escola Industrial e Comercial, 120 metros do Colégio e 90 metros do Ciclo.

O parecer técnico dado pelo arquitecto urbanista foi seguido pelos membros do Conselho Municipal e defende a terceira proposta, dado que possui condições consideradas vantajosas, tais como a proximidade da zona central e muito especialmente dos estabelecimentos de ensino. Se nos lembrarmos que esta piscina é coberta e aquecida, devendo encontrar-se aberta durante todo o ano, vemos as oportunidades que possuem os jovens estudantes em utilizá-la.

Concluindo, vamos ter num futuro próximo (?) uma piscina coberta e aquecida, à disposição da população espinhense durante todo o ano.

CASA LUISA NOGUEIRA

## João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

## CINEMAS

### S. PEDRO

Dia 24 — Quinta-feira — «MEDEIA»  
— Maiores de 18 anos.

Pier Paolo Pasolini, polémico realizador que o tempo se encarregará de consagrar como genial, é o autor deste filme que nos descreve uma personagem da mitologia grega.

Não é das suas obras mais célebres. No entanto, é um excelente trabalho de cinema que o leitor cinéfilo não deve ignorar.

Admitimos que algum público possa ficar com uma impressão desfavorável. Por isso acima dissemos que ele é polémico, aliás, como todo o bom artista deve ser.

Dia 25 — Sexta-feira — «O ASFALTO DA MORTE» — Maiores de 10 anos.

A alta competição automobilística, aspectos dos seus bastidores e as figuras dos seus campeões mais destacados, é o assunto de todo o filme.

Sobre o seu valor, os entusiastas da modalidade, melhor que ninguém, saberão atribuir-lhe, ou não, a atenção que merece. Portanto, «lavamos daí as nossas mãos»...

Dia 26 — Sábado — «O PISTOLEIRO ESQUECIDO» — Maiores de 18 anos.

Que ninguém se lembre dele!... — são os nossos sinceros votos.

Dia 27 — Domingo — «O SOLDADO AVENTUREIRO» — Maiores de 6 anos (Para Todos).

Murros, pontapés, bofetadas, outras coisas com o mesmo fim: violência, embora que enfeitada de humor, são tema de distração reservado agora também ao público infantil.

Pascoal Festa Campanile faz o mau que lhe encomendam e, neste caso, o problema é lá dele. Adiante. O que de negativo aqui referimos é o facto de deixarem apresentar e propagandear princípios precisamente contrários àqueles que se devem divulgar ao público infantil. Não será essa uma das fundamentais preocupações da Comissão Etária classificadora dos filmes?!!

### CASINO

Dia 23 — Quarta-feira —

Desconhecemos o filme que substituirá o filme então programado, «O Monstro», entretanto já exibido.

Dia 24 — Quinta-feira — «O OPORTUNISTA» — Maiores de 18 anos.

Não, amigo leitor, não se trata do divertido filme, com o saudoso Bourvil e Louis Funès. Tem título homónimo, por falta de inventiva do tradutor, e nada mais.

A moral da sua história é: «Na vida, só os maus é que se safam...».

Não partilhamos tal opinião. Os que conceberam este filme não devem ir longe...

Dias 25, 26 e 27 — Sexta-feira, Sábado e Domingo — «AS FÉRIAS GRANDES» — Maiores de 6 anos.

Feito à medida do seu protagonista principal, Louis de Funès, eis um filme de que, para bem ou para mal, pouco haverá a dizer. Quem gosta... vê! Quem não gosta... pouco perde!

Dia 28 — Segunda-feira — «TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM» — Maiores de 13 anos.

Lina Wertmuller, realizadora de craveira já consagrada, apresenta-nos neste filme os graves problemas, contrariedades e hostilidades que um provinciano encontra à sua chegada e consequente integração numa grande cidade.

Pela forma apaixonante como esta questão, cada vez mais dos nossos dias, é posta em cinema, exortamos o amigo leitor a ter este filme em atenção.

## TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes  
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

## na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

## maré viva

SEMANARIO

### Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º

Telef. 921621

ESPINHO

### Director:

Victor Sousa

### Fizeram este número:

Agostinho Chaves; Albertino Pinheiro; Ana Maria; António Letra; António Santos; Augusto Mota; Dário Capela; Eugénio Moraes; Fausto Neves; José Cruz; Manuel Loureiro; Moraes Gaio; Victor Sousa.

### Colaboração especial:

Carlos Pinhão.

Composição e Impressão  
Oficinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

### Modas

## MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683  
Telefone 920168

ESPINHO

## Paramos

## O lugar da Praia

No nosso último número, e ao pretendermos reproduzir as declarações do Presidente da Câmara no acto de posse da nova Junta de Freguesia, poderemos ter induzido em erro os nossos leitores em relação ao que foi dito acerca do lugar da Praia.

O presidente da Câmara ao referir-se a essa questão pretendeu apenas lembrar uma situação de particular gravidade no que se refere às condições sanitárias e de salubridade daquele lugar. A posição da Direcção de Urbanização de Aveiro não é a de que o lugar deveria ser arrasado, mas sim de que se trata de uma zona irrecuperável e como tal condenada a desaparecer, mais tarde ou mais cedo, como zona de habitação. O pa-

recer técnico daquela Direcção de que tudo deveria ser arrasado, não é mais do que isso mesmo: um parecer técnico, que aponta para uma resolução que se julga inevitável. Antes disso, a solução estará possivelmente no alojamento condigno e noutra local das pessoas que ali residem. Só depois desse problema resolvido se porá em prática esse parecer da D.U.A.

O que não implica que se deixe protelar a situação e não se ponha cobro à edificação de mais construções clandestinas, que só viriam agravar um problema já de si tão grave.

Com este sentido, conforme nos declarou o presidente da Câmara, foram proferidas as suas palavras.

## FICHA

(Conclusão da pág. 8)

Claro que esta ficha está assaz incompleta. Apenas citámos os que nos revelam maior incidência sobre a ideologia fascista. Muitos outros jornais reaccionários surgiram, alguns deles com a capa da democracia e (espan-to!) até do socialismo. Como diria o Eça de Queiroz «sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia». Primeiro por uma questão de espaço e segundo por tentarmos voltar a este assunto em breve, não citámos órgãos de imprensa ligados aos partidos da direita, a outras organizações políticas e religiosas que avancem ao mesmo ritmo da direita,

embora afirmando alto e bom som «que não senhores, que isto é que é a verdadeira democracia plural e antitotalitarista, etc.», ou que «somos apertadários, respeitamos todos os partidos desde que democráticos», bla, bla, bla. E também não esquecemos certas publicações já anteriormente existentes e que após o 25 de Abril de 1974 souberam manter a sua «posição» ou que passaram a adoptar essa posição precisamente a partir dessa altura. A eles voltaremos. Denunciar o fascismo e combatê-lo, esteja ele onde estiver é artigo da Constituição Política. Alguns parecem tê-lo esquecido...

## Parques de Estacionamento são pomo de discórdia

Dentro do plano da SOLVERDE destaca-se o novo Casino, um complexo comercial, um novo hotel a construir no local do antigo Palace Hotel, assim como dois parques subterrâneos para estacionamento de automóveis: um situado em frente ao Hotel Praia Golfe e outro, na esplanada entre as ruas 17 e 19. O parecer dos Serviços Técnicos da Câmara condena esta última localização, devido à proximidade do mar e à destruição das obras de pavimentação recentemente feitas. No entanto, e como um único parque (em frente ao Praia Golfe) é manifestamente insuficiente, aqueles serviços sugerem a construção de um segun-

do, na praça formada pelo Casino, complexo comercial e Hotel, solução perfilhada pela Câmara. Estranhamente as entidades governamentais apoiam a construção de um único parque, situado em frente à fachada do Praia Golfe e, para obstar à sua insuficiência, propõem que seja construído não só subterraneamente como também em altura, ficando, segundo cremos, uma construção em forma de silo. É fácil adivinhar os inconvenientes desta última proposta, dada a proximidade do Hotel, cuja vista de frente ficará prejudicada.

Esperemos que o parecer da Câmara seja considerado.

## TURISMO

## Ecos da reunião da Póvoa de Varzim

Se o turismo não é, nem nunca poderá ser possivelmente, a base fundamental da estrutura económica e social de Espinho, é com certeza um meio importante de angariação de fundos para o património do Município e que poderão ser aplicados em benefícios sociais. A função do turismo adquire assim uma faceta que se vem juntar ao seu interesse social como ocupação dos tempos livres de todos os que trabalham.

E assim, se é necessário orientar o turismo neste sentido, importante será também estudar as melhores formas de o fomentar.

Daí do nosso interesse em sabermos do que se terá passado numa reunião recentemente realizada na Póvoa de Varzim entre os responsáveis pelo turismo na zona turística da Costa Verde (do rio Minho a Espinho) e representantes espanhóis. Em contacto com o vereador do turismo, Veiga Ribeiro, soubemos terem estado também presentes os Governadores Cívicos do Porto, Viana do Castelo e de Pontevedra (que representava também Corunha e Orense), bem como representantes das agências de viagens e sector hoteleiro e o Director-Geral do Turismo.

Sobre as conclusões da reunião, em que esteve presente, o sr. Veiga Ribeiro salientou que a questão que dominou os trabalhos foi o do intercâmbio turístico entre Portugal e Espanha, mais concretamente, neste caso, entre a Costa Verde e a Galiza. Os dados estatísticos apresentados confirmavam ter nesta zona a Espanha uma grande quota-parte do turismo externo — cerca de 60%. A cidade do Porto absorve cerca de 75% desses turistas espanhóis, o que aponta para a necessidade de se promover a descentralização. Verifica-se também que são os hotéis de duas estrelas que absorvem a grande maioria desse turismo, o que sugere trabalho no sentido do turismo económico e não de elites. A média de ocupação dos hotéis de 1,4 dias por pessoa indica a pouca tendência para a fixação do turista estrangeiro.

A análise destes dados sucedeu-se a discussão das medidas a tomar para um melhor aproveitamento das potencialidades turísticas desta zona e para o desenvolvimento do intercâmbio com a Espanha.

Quanto a este aspecto as conclusões mais importantes terão sido: conseguir, com o apoio dos Governadores Cívicos, a abolição do passaporte com a Espanha; maior liberdade no trânsito de mercadorias; estudo da possibilidade de alguns sectores do comércio estarem abertos ao domingo.

Resolução importante e que se impunha há já muito tempo foi a de criar um organismo dependente da delegação do Porto da Direcção-Geral de Turismo que centralizará a propaganda turística da zona. Uma medida que vem evitar os esforços dispersos e as despesas desnecessárias das Comissões de Turismo, que ficarão assim responsáveis pela propaganda de âmbito restrito.

Prevê-se a realização de novos Encontros e o próximo terá lugar na Galiza, pelo que está afastada a hipótese de esse II Encontro se realizar em Espinho. Esta possibilidade permanece, no entanto, para Encontros posteriores.

Ficou também assente a constituição de uma Comissão de Trabalho que possa dar seguimento prático às conclusões destas reuniões.

Quanto a Espinho, a desocupação dos hotéis pelos desalojados faz prever o regresso à normalidade na afluência de turistas à cidade.

Entretanto, a Comissão de Festas ainda não está completamente constituída, dada a necessidade de se cumprir com as normas legais para o seu preenchimento. Isso não impediu que se encontre já em preparação um Festival Hípico, que se pensa poder prolongar-se por toda uma semana.

Das perspectivas turísticas para a próxima época em Espinho e do plano de realizações da Comissão de Festas procuraremos dar notícia num dos próximos números.

## Cooperativas de Consumo

(Continuação da 1.ª página)

não existe uma cooperativa de base que nos pudesse orientar, nem poderíamos começar a caminhar em terreno «mole» arrastando outros conosco.

Surgiu a ideia de se realizarem colóquios, não só para dar conhecimento da iniciativa, mas porque é necessário dar uma maior formação às pessoas, de modo que o interesse pelo cooperativismo ganhe maior base na nossa terra.

Estes colóquios vão realizar-se no Salão da Piscina, nos dias 18 e 25 de Fevereiro e no dia 4 de Março. Esperamos conseguir a presença do prof. Henrique de Barros, responsável no Governo pelo movimento cooperativista, e o dr. Ferreira da Costa, presidente do Instituto António Sérgio, para além de outras figuras eminentes do cooperativismo.

Virão também elementos de várias cooperativas (Realidade, Foz, Lordelo, Lourocoop, Riocoop, Ramalde, Matosinhos, entre outras) que poderão dizer-nos da sua experiência, desde o aspecto organizativo até às questões práticas que lhes têm surgido já em fases mais adiantadas.

Com este mesmo objectivo, tentaremos deslocar-nos a várias cooperativas para «in loco» colhermos algo mais da sua experiência.

Será a resposta das pessoas ao nosso projecto, durante os colóquios e inquéritos que vamos organizar, que condicionará o avanço, ou não, para as fases seguintes do processo. Se a resposta for afirmativa (assim o esperamos), continuaremos a nossa tarefa de sensibilização das pessoas e poderemos arrancar para o estudo dos estatutos e fases posteriores de organização.

Queríamos aqui fazer um apelo à população para que assista aos colóquios e procure todas as maneiras de se informar das vantagens que poderá usufruir se aderir a esta iniciativa. Muito em especial aos jovens, a quem são de esperar as maiores dificuldades nos projectos que possam ter para o seu futuro como cidadãos independentes.

O apelo aqui fica e merece ser correspondido. Vá aos colóquios, informe-se. Aproveitar esta oportunidade é quase um dever.

MARÉ VIVA

interessa a toda a gente

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 ESPINHO

Rubi

RELOJOARIA ■ OURIVESARIA

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 — Telef. 920592  
ESPINHO

# TRABALHO

## Função Pública

Os trabalhadores da Função Pública efectuaram, no passado dia 15, uma jornada de luta, que constituiu poderosa demonstração e afirmação da sua determinação de lutarem pelos seus direitos sindicais e pela melhoria das suas condições de vida.

Não esqueceram que a causa do seu estatuto e dos seus baixos salários se deve ao facto do fascismo sempre lhes ter negado a possibilidade de se organizarem em sindicatos que lhes permitissem ouvir a sua voz.

Falámos com um trabalhador da Repartição de Finanças de Espinho, a quem perguntámos como encararam os seus camaradas a luta encetada pelos Sindicatos. Disse-nos terem os trabalhadores, já no passado dia 10, realizado um plenário onde deliberaram aderir à paralização anunciada para o dia 15, como repúdio pelo facto do Governo querer ignorar os seus direitos e aspirações. Dada a alteração ao processo de luta, depois das conversações do dia 12 entre os Sindicatos e o Ministro da Administração Interna, os trabalhadores das Finanças de Espinho afixaram, no dia 15, cartazes alusivos à sua luta, distribuíram autocolantes e aprovaram dois telegramas: um de apoio ao Sindicato da Função Pública do Centro e outro dirigido ao Ministro da Administração Interna, nos seguintes termos:

*«Trabalhadores Finanças Espinho reunidos plenário hoje 17,30 apoiam jornada de luta Sindicatos protestam anterior actuação Governo afirmam lutar defesa seus interesses».*

Disse-nos aquele trabalhador: «A nossa mobilização produziu os seus efeitos, fazendo alterar as posições intransigentes em que o Governo se tem procurado manter». Na reunião entre os Sindicatos e o M.A.I., no dia 12, o Governo comprometeu-se a não pôr em causa o direito à greve e à participação dos trabalhadores na elaboração de toda a legislação que lhes diga respeito, nomeadamente no que se refere à reclassificação e reestruturação de carreiras na Função Pública e à possibilidade de revisão das tabelas salariais dentro de 6 meses.

Foram muitas as organizações sindicais que se manifestaram, solidarizando-se com os trabalhadores da Função Pública. Entre outras, a C.G.T.P. — Intersindical Nacional saudou os trabalhadores pela vitória obtida, pela maturidade e unidade demonstradas, e salientou que esta luta prova ser possível encontrar formas de luta que, sem excluir o diálogo com o Governo, conduzam a soluções para os problemas dos trabalhadores e à consolidação da democracia.

## COTESI

### Administração despede 60 trabalhadores

«A Administração da Cotesi continua na senda da prepotência», assim nos falou um trabalhador desta empresa com quem contactámos a propósito da situação dos trabalhadores do sector químico, em luta pelo cumprimento do C.C.T. do seu Sindicato.

De facto, viemos a apurar que 60 trabalhadores receberam no início da semana uma nota de despedimento em que a Administração alega como justa causa para o mesmo o «abandono de instalações consideradas vitais para a laboração da empresa». Na impossibilidade de contactar com Dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores Químicos, falámos com um Director do Sindicato dos Têxteis do Porto. Começou por nos dizer, que sobre os antecedentes e formas de luta adoptadas não se pronunciaria, uma vez que isso competia ao Sindicato dos Químicos e seus Associados, mas adiantou que, os Trabalhadores do sector químico da Cotesi, tinham não só a legitimidade, como estavam dentro da legalidade, ao exigirem o cumprimento do contrato do seu Sindicato. Refe-

riu-nos o facto de, através de uma portaria, do Secretário de Estado do Trabalho do VI Governo, Dr. Marcelo Curto, o contrato do Sindicato dos Químicos ter sido alargado à Cotesi, por isso os trabalhadores lutavam pelo que lhes era devido!

Quanto à situação dos trabalhadores agora despedidos, disse-nos o nosso interlocutor: «O Sindicato dos Têxteis tudo fará para apoiar a sua readmissão. Fizemos na passada quarta-feira uma reunião com os Delegados Sindicais da empresa para análise da situação e, possivelmente reuniremos na próxima semana com todas as Direcções dos Sindicatos que representam trabalhadores da mesma».

Mais adiante disse-nos aquele Dirigente: «O despedimento, além de uma prepotência é discriminatório, uma vez que são despedidos 60 trabalhadores, quando a luta foi desenvolvida pela sua quase totalidade. Com esta atitude a Administração procurou, sobretudo atingir os Delegados Sindicais e os trabalhadores que ao longo dos meses mais se dis-

## Tourada de Espinho

### Trabalhadores em luta

Com a presença dos jornais «Defesa de Espinho» e «Maré Viva», efectuou-se no passado dia 12, uma reunião de trabalhadores da Tourada de Espinho e em que estes expuseram as razões do seu litígio com a entidade patronal, a Sociedade Campo Pequeno, com sede em Lisboa. Esta empresa é concessionária, por um período de dez anos, da exploração do recinto da Tourada para espectáculos tauromáquicos, por força dum contrato com a proprietária Solverde.

Esteve também presente na reunião o sr. Januário Pereira, encarregado da praça, na qualidade de representante da entidade patronal e que adiantou que o regime de concessão atribui à Solverde 5% da receita dos espectáculos.

É precisamente durante os espectáculos tauromáquicos, e só aí, que os trabalhadores são requisitados para os diversos serviços necessários (porteiros, arrumadores, homens dos curros, etc.). Como a Sociedade Campo Pequeno realiza uma média de três touradas por época, é pelo trabalho desses três dias que os trabalhadores recebem salário. Procuram assim ganhar algum extra, pois os ordenados do emprego regular, nuns casos, e a reforma, noutros casos, não são suficientes para dispensarem estas oportunidades.

Por que lutam então estes trabalhadores?

Em primeiro lugar, contra a tabela de salários enviada pela Sociedade Campo Pequeno e de que tiveram conhecimento através do encar-

regado da praça. Esta tabela, que se mantém desde 1973, estipula pagamentos por espectáculo que variam de 40\$00 (para os arrumadores) até 60\$00 (para os porteiros, homens das portas dos curros, avisadores, encarregados das bandarilhas, da arena, da porta dos cavalos), passando pelo controlador com 50\$00 e pela empregada dos sanitários, com 25\$00.

Em segundo lugar, contra a decisão da entidade patronal em retirar os lugares de porteiros ao pessoal de Espinho, substituindo-os por empregados expressamente trazidos de Lisboa.

Quanto à tabela, os trabalhadores consideram que o trabalho que desenvolvem nesses dias, das três às oito da tarde, merece mais do que foi fixado. Tanto mais que as exigências quanto ao trabalho são demasiado rigorosas para quem não tem quaisquer regalias.

É precisamente com o objectivo de buscarem meios de se defenderem que os trabalhadores estão a efectuar as diligências necessárias para se inscreverem no Sindicato das Actividades Cinematográficas que contempla a sua situação.

Houve recentemente um aumento nos bilhetes que não foi acompanhado pelos ordenados. Mas ainda, o total das despesas com os cerca de 70 trabalhadores por espectáculo é de 3.950\$00, quase insignificante em relação às receitas que oscilam entre os 200 contos (nos maus dias) até 400 contos.

Quanto à suspensão dos porteiros, os trabalhadores consideram-nas como abusivas, pois os de Espinho merecem até mais confiança que os de Lisboa, que costumam trazer consigo uma comitiva de convidados e ficam à empresa (contando com transportes, alojamento, etc.) por cerca de 800\$00. Aqui não se vê o sentido de economia da Sociedade Campo Pequeno. Consideram ainda os trabalhadores como insulto o facto de cada dois porteiros serem vigiados por fiscais, que ainda na última tourada arrecadaram 6.500\$00.

Por tudo isto, os trabalhadores da Tourada solicitaram uma reunião com os patrões, no sentido destes reverem a sua posição, e deram para isso o prazo de oito dias, após o que assumirão as formas de luta que julgarem mais convenientes.

Só uma achega final. Quanto teria de pagar a Sociedade Campo Pequeno aos seus empregados se não houvesse quem necessitasse deste pouco dinheiro extra?

*tinguiram na defesa dos seus camaradas».*

Para o despedimento a empresa invoca o Decreto Lei n.º 841-C/76 decreto que tem sido veemente contestado pelos Sindicatos, por não dar ao trabalhador a mínima possibilidade de se defender contra as arbitrariedades do patronato. Com efeito, à empresa bastará, praticamente, limitar-se a ouvir o trabalhador na presença de duas testemunhas da sua escolha, para consumir o despedimento.

Mostraram-nos uma cópia de um processo de despedimento na Cotesi. Contra o trabalhador, testemunharam um Chefe de Secção e um empregado de escritório. O trabalhador apresentou um requerimento solicitando lhe concedessem 8 dias para juntar elementos que considerava necessários para a sua defesa, o que lhe foi negado. O que vimos neste processo de despedimento, *ulgávamos ter sido afastado da nossa terra com o Movimento do 25 de Abril*. Pensámos que nem a criminosos em flagrante delito, nem no teatro da guerra se farão julgamentos tão sumários.

### Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

### Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

### CENTRO FOTOGRAFICO

de ÁLVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema — Retratos — Relojoaria electrónica

Rua 8 n.º 645

ESPINHO

# OVNIS

## Realismo

### ou Mito?

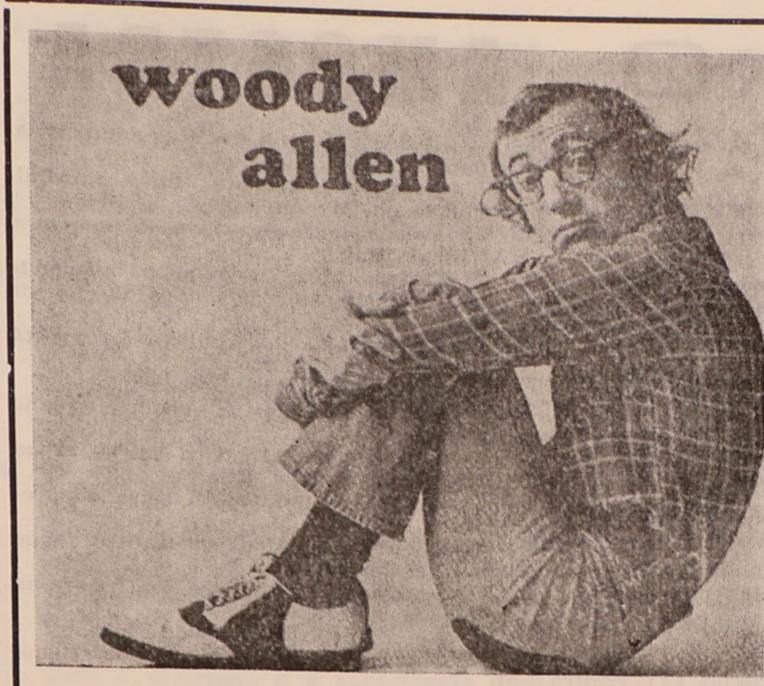
Ovnis (Objectos Voadores Não Identificados) é assunto actual. Já abordado aqui pelos mais diversos prismas, impunha-se que fosse apresentado o ponto de vista de quem estuda, de quem se debruça mais atentamente sobre o tema. Justificada portanto a apresentação deste texto de Luís Cruz, um dos elementos do Núcleo do CEAFI de Espinho.

O homem sempre teve uma atracção irresistível pelo desconhecido, pelo misterioso. Atracção essa, a maior parte das vezes superada pelo medo e pela superstição. Mas o desconhecido é um caminho proibido, fútil e contraproducente, em suma, e do qual não temos a mínima necessidade.

Mas se algum «louco» começa a fixar um pouco mais a porta do desconhecido, imediatamente aparecem as pessoas de «bom senso» a «aconselham-no» a desviar-se das más tentações e a seguir o caminho certo e verdadeiro. Não havia também quem dissesse que a política era coisa perigosa demais para o conhecimento público, sendo por isso reservada só aos políticos?

Tycho Brahé, Kepler e outros, quando chegaram à conclusão de ser a Terra a mover-se e não o Sol, não foram também aconselhados a abandonar os seus estudos pela Inquisição e não houve alguns que só os abandonaram na purificadora fogueira?

Teria o Homem evoluído se alguns



## Nascente-Cineclube

« O Grande Conquistador »

de Herbert Ross  
com Woody Allen

Quarta-feira, dia 23 às 21,30

no Teatro S. Pedro

«loucos» não se tivessem debruçado e até dedicado a sua vida a factos e fenómenos constatados, mas pertencentes ao desconhecido? Conhecia-se o fenómeno, mas era preciso descobrir a causa, que ia geralmente confrontar-se com a classe detentora da verdade absoluta: burguesia, clero e outros modos de vida a que não convinha de modo algum toda e qualquer mudança.

Com os «OVNIS» passa-se hoje precisamente o mesmo. Não é raro ouvir dizer-se: «Não acredito em bruxas, mas que as há, há!». Nunca se conseguiu dissecar um disco voador num laboratório ou fazer um estudo verdadeiramente científico, pois não se conhecem ainda as leis que regem o fenómeno «OVNI». Mas que os há, lá isso há.

Não é em vão que muitos Governos gastam somas fabulosas no estudo do fenómeno, testemunhado por inúmeras

(Continua na pág. 6)

## Maré-Rua

### MERCADO COMUM

Creemos que há unanimidade quanto a considerarmos este assunto como dominante nos últimos tempos dentro da vida política nacional, especialmente agora que o Primeiro-Ministro enceta uma grande viagem em sucessivas etapas a fim de contactar com todos os «big bosses» do Mercado Comum sobre a entrada desta «ocidental praia lusitana» para tal organização.

Será que esta decisão tomada pelo Governo é tão insignificante para que o assunto não seja explicado e discutido pelo Povo? Sim, já sabemos que são «mandatários do Povo Português livre e democraticamente eleitos», etc., etc., mas será a democracia do «tomá-lá-o-voto-e-não-me-chateis-mais» que queremos para Portugal ou será que o 25 de Abril pretendia dar-nos um acesso ao Poder, o direito e dever de todos contribuímos na gerência dos nossos negócios, uma oportunidade de melhor conhecermos e avaliarmos pela discussão construtiva as dificuldades do País?

Bem, e com isto tudo se foram umas linhas boas. Já está o leitor a insultar-nos por nunca mais aparecerem as opiniões. Calma! «Roma e Maré-Rua» não se fizeram num dia!».

Aí vai disto: tentámos saber primeiro se as pessoas sabiam o que é o Mercado Comum e o que pensam sobre a entrada de Portugal nessa organização.

«Sei, sei muito bem o que é. Acho muito bem a entrada de Portugal para ele».

Ainda ouvimos o nome: Manuel Soares Tomé. Com a pressa que o sr. Tomé levava, nem tempo tivemos para perguntar porque achava bem.

Procurámos mais gente, menos apressada de preferência. Francamente não tivemos muita sorte: o sr. Manuel Silva quase nem queria responder. Atiramos-lhe com o costume: «não queríamos análises completas, só três linhas, muito rapidamente o que lhe vinha à cabeça sobre o tema, patati patatá...» (isto é que somos chatos!). Lá saiu:

«Claro que sei o que é o Mer-

cado Comum. Vejo a entrada de Portugal com bons olhos pois poderemos vir a usufruir de vantagens».

Quais vantagens? — seria a nossa pergunta seguinte, mas a «tal» vida actual com as suas exigências (não o creme de barbear, mas a eterna pressa) foi a culpada da falta.

Procura-se: pessoa em «full time» para responder ao «Maré-Rua». (Isto também é para si, leitor. Apanhei-o distraído? Não se esqueça que há uns postaisinhos, já não dizemos cartas, que poderá enviar-nos...).

Ao «pedido» respondeu o sr. Alexandre Silva que cremos professor no Ciclo. Pelo menos era à porta desse estabelecimento de ensino que se encontrava, de mala na mão e fumando pacatamente o seu cachimbo. Partimos do princípio de que o interlocutor sabia o que era o Mercado Comum.

«A entrada de Portugal para o Mercado Comum levanta vários problemas. Segundo o que eu julgo, creio que ela estará sujeita a várias imposições feitas pelos outros membros da organização e que poderão abalar a própria independência nacional».

É realmente uma pena que as pessoas, (como o sr. Alexandre Silva) tenham que se exprimir sobre o assunto nos termos «segundo eu julgo...», «creio...», etc. Porque não uma explicação ao Povo Português das condições necessárias para a entrada, das suas consequências, do que se foi negociar na Europa?

Mas deixemos os comentários e vamos à última opinião, que hoje cremos ter abusado da paciência do leitor e do espaço do jornal.

O Mário Rui Silva foi o último contactado:

«Não sei francamente as implicações que a entrada de Portugal para o Mercado Comum poderá ter — se boas, se más. Em princípio as outras nações da organização têm economias mais fortes que a nossa o que vai «à

(continua na pág. 6)

## Poema doente

### A TOSSE

(ou a necessidade imperiosa, em prosa, de um Serviço Nacional de Saúde)

A saúde é um cancro.

Isto é, a saúde, ou melhor, a falta de saúde é um dos grandes cancros de Portugal.

A falta de assistência.

A falta de um Serviço Nacional de Saúde.

Sempre foi assim, continua a ser assim e tardará a deixar de

ser assim, porque as pessoas que, normalmente, gozam de saúde só dão por isso quando se constipam.

É o meu caso. Tossi tanto toda a noite que me levantei e, em vez de tomar um xarope, tomei estes apontamentos que podem dar, talvez, para um poema, um poema muito achacado, na verdade...

#### DIÁRIO DA TOSSE

A tosse ataca de noite a tosse é misteriosa a tosse ataca porquê? por que é que ataca de noite? como é que a tosse sabe que é [noite?

Eu não durmo (por causa da tosse, evidente- [mente)

não me deito não apago as luzes crio ruído à minha volta mas a noite é sábia não se deixa enganar e ataca e de que maneira!

Tenho o peito desfeito.

A tosse é uma coisa misteriosa como é que ela sabe que é noite? por que ataca de noite?

talvez porque há menos defesas. Mas por que é que me ataca [a mim?

E como me encontra? Que mal lhe fiz eu? Ou será o contrário? Será que a tosse está zangada [comigo

porque eu lhe dou muito trabalho e não a deixo dormir? Não a entende o médico.

Poderei eu defini-la? Claro que não. Só me resta ... tossi-la!

#### NO DIA SEGUINTE

Esta noite não tossi À espera da tosse não dormi.

CARLOS PINHÃO

# HABITAÇÃO

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 1

Abril, a lei foi suspensa; e grande incoerência se praticava se tal medida não se tomasse. Mas o inesperado surgiu: nas vésperas da sua saída, o VI Governo faz publicar o Decreto acima referido — 583/76 — através do qual concede o direito que os senhorios possuíam antes do 25 de Abril aos emigrantes, retornados, trabalhadores aposentados que queiram regressar à terra onde possuem uma habitação ou aqueles que tenham deixado de usufruir de habitação proporcionada pela entidade patronal. Vamos dar um exemplo: imaginemos um dos abrangidos pela lei, um emigrante, que, trabalhando em França, possuía cá uma casa alugada. O indivíduo regressa a Portugal com a sua família e vai-se alojar na sua casa, tendo para o efeito despejado os inquilinos. Apesar de já muito discutível, esta situação poderá parecer lógica ao leitor. Mas passemos ao lado mais negro da questão: aproveitando-se do Decreto, já pululam oportunistas que, chegados do estrangeiro (quase todos com muito dinheiro para construir!), ordenam despejos nas suas várias casas, alegando necessitarem delas para alojar a família! E ainda pior: outros emigrantes com apreciável quantia resolvem investi-la numa maneira muito rendosa — adquirem uma casa ocupada e por isso a baixo custo, despejam os seus inquilinos decorridos 5 anos e vendem-na vazia por choruda maquia. Poderá pare-

cer engenhoso o processo, mas já são numerosos os que do triste Decreto se aproveitam.

Contra este estado de coisas e muito particularmente contra o referido Decreto tem o sr. Manuel Francisco Ruivo, morador em Anta, organizado uma luta em favor de vários casos de famílias que estão na iminência de serem despejadas, ao abrigo da última acção do VI Governo. Aproveitando a sua situação de funcionário público aposentado, o sr. Ruivo tem-se dedicado de alma e coração à árdua e ingrata tarefa de lutar contra leis impensadas (?), contra «máquinas» emperradas, contra a tão famosa burocracia. E porque o problema dos despejos não lhe toca directamente, apontamos como exemplo de solidariedade a sua figura, numa época em que cada vez se «usam» menos esses hábitos.

Pois em Anta vários são os casos de famílias nas condições referidas. Um deles toma proporções inumanas: um casal de trabalhadores em França (não dos tais com dinheiro para construir...) paga a renda de uma pequena casa onde vivem os seus três filhos com a avó. O prédio foi comprado por um emigrante (outro emigrante, com outras possibilidades) por um terço do seu valor, pois estava ocupada e agora que se perfazem 5 anos desde a compra, o senhorio já deu ordem para a família abandonar a casa, coadjuvado pelo seu advogado. Para onde vão as crianças e avó? Os pais, por sua vez, terão de regressar a Portugal para resolverem (ou não) o assunto, e perdendo assim os seus postos de trabalho. Haverá casas para onde possam ir com a «abundância» actual e terão 4 ou 5 contos mensais para pagarem as rendas? E como este caso, muitos outros!

A faceta tristemente curiosa deste episódio é que revela claramente que o Decreto não protege os emigrantes mas sim uma classe deles: a dominante, a economicamente forte. A tão apregoada crise da construção é também agravada: tendo em vista tão aliciante negócio, o emigrante com dinheiro para construir não hesita entre custear as despesas de tal acção ou comprar a baixo custo uma casa ocupada, despejar os seus inquilinos após 5 anos e vendê-la com lucros compreensivelmente superiores.

O sr. Manuel Ruivo tem tentado todos os meios ao seu alcance: abaixo-assinados ao Governo, ao Primeiro-Ministro, ao Presidente da República e até a alguns dirigentes do Partido Socialista. A tentativa de união de esforços com outras pessoas ou colectividades na mesma luta também não foi esquecida: cartas foram enviadas às Comissões de Moradores das Antas (Porto) e do Barreiro. Igualmente foram feitos esforços para divulgação do caso na Imprensa diária, com pouco êxito, porém.

O sr. Ruivo teve já a promessa de que o Decreto será apresentado na Assembleia da República. Sê-lo-á a tempo? Ou estarão já nessa altura

# AMOSTRA

«Rodésia — nacionalistas negros chamam trabalhadores».

«Corrupção, racismo, fome e criminalidade em Moçambique».

«Falsas acusações na ONU contra a África do Sul».

«Ordem dos advogados responde aos defensores dos arguidos do 25 de Novembro».

«No concelho do Alvito a força está pronta a ser utilizada».

«Os pobres progressos protestários».

«Argentina precisa de um plano Marshall».

«A defesa do Atlântico Sul — tábua de salvação para a Europa».

«Angola — um país à beira do precipício».

«O que os partidos queriam e o que ficou na Constituição».

«Será a nacionalização das empresas panaceia universal?».

«As greves tal como são lá fora».

«Guiné — angústia na expectativa».

## MARÉ-RUA

(Conclusão da pág. 5)

priori» pôr entraves nas condições dos empréstimos. A entrar para o Mercado Comum a «pedir por favor» é que não se ganha nada: eles põem restrições na aceitação (sendo esta mesmo duvidosa) e nunca nos darão um papel com direito pleno».

Chega de opiniões e comentários. Espero que o leitor não tenha desistido a meio e ainda nos esteja a ler. Foi um pouco mais longo que o normal, mas cremos que com a-proósito. E se não, desculpe-nos.

## OVNIS

(Conclusão da pág. 5)

veis pessoas dignas de crédito: desde o mais humilde camponês, desprovido de tal imaginação para poder fantasiar, até aos mais eminentes cientistas.

Mas claro, os «OVNIS» pertencem ao misterioso desconhecido e, como tal, não convém a certos dinossauros da ciência oficial (caquética) que eles existam. E, é claro, a reacção (científica) levanta-se e guincha histericamente a não existência daquilo que não lhe convém que exista.

Senão, vejamos: por razões naturais (embora excepcionais), Vénus esteve particularmente intenso nestes últimos dias e, como não podia deixar de ser, tudo aquilo que se chama «OVNI» ficava finalmente esclarecido como sendo Vénus. Desesperadamente tenta-se tra-

mentas famílias na rua sem terem para onde ir?

Poderá um Governo Socialista, concomitantemente com uma Constituição que fala no direito à habitação de forma bem explícita, manter um Decreto que é manifestamente antidemocrático, favorecendo minorias oportunistas e economicamente já privilegiadas?

A lei e o oportunismo até quando ligadas?

(Conclusão da pág. 8)

«Desafio bélico ao mundo — tropas russas, cubanas, moçambicanas e da Guiné-Bissau podem dar início em Angola à terceira guerra mundial».

«Massacres de angolanos em Nova Lisboa».

«Não queremos o general Costa Gomes presidente da República».

«Dois equívocos da revolução — Mário Soares e o Partido Socialista».

«Humberto Delgado foi morto pelos comunistas da FPLN».

«Uma descolonização exemplar que o PC pensou e o PS realizou».

«A colectivização do Alentejo destrói boa parte da riqueza pecuária nacional — revoltantes casos de sabotagem económica onde se vê a originalidade da via socialista».

«Quem inventou Otelo?».

«As vicissitudes de um jornalista na Revolução — entrevista com Fernando Barradas».

«O defensor de Kaulza».

«Uma certa esquerda não impediu a apoteose do CDS em Lisboa».

«Presença alentejana com o engenheiro Bourbon».

«Estratégia Soviética do petróleo comprar a uns, vender a outros».

«Relatório secreto de Marcelo Caetano ao V Congresso da U.N.».

«Quando o passado conta na actualidade da vida comércio-industrial».

«Direito de matar».

«Os dramas de que ELES se riem».

«Dom Vasco e as suas faladuras».

«Se tivessem avisado seria acelerado o processo».

«Investi — multi investidora Kalinovitschkaya».

Como amostra (e só no que diz respeito aos números iniciais dos jornais em questão) parece-nos que chega. Só um último apontamento: no SOL da cintilante Vera Lagoa e no TEMPO do resistente Nuno Rocha tem ultimamente aparecido um anúncio muito, muito, muito «curioso»: PROF. DOUTOR ANTONIO DE OLIVEIRA SALAZAR — DISCURSOS — 6 volumes avulso — cada Esc. 120\$00. ENTREVISTAS — 1 volume com 241 págs. — 60\$00. Coleção completa — 700\$00 (QUASE ESGOTADA). O nosso colega «Página Um» comentava este anúncio dizendo: Ora porra! MIL vezes porra!

Nós achamos que mil porras ainda é muito pouco...

var a evolução do ser humano: no aspecto social, político, de trabalho, científico e tecnológico.

Alguma vez pensaram que já poderíamos ter aviões há mais de três séculos se, quando Gusmão inventou um aparelho voador, a reacção Inquisição não tivesse sentenciado pela boca do Cardeal de Lisboa: «Voar? Impossível, é sacrílego! Voar só é permitido ao Anjos, por Deus Nosso Senhor»?

Mas, se negar a pés juntos que os discos voadores não existem é errado, mais errado é ver discos voadores por toda a parte. Porque nós, CEAFI, não pretendemos (nem podemos) descobrir o que é o fenómeno «OVNI». Pretendemos, sim, estudar um assunto que toda a censura amordaçava e acima de tudo desmistificar um problema que é bem real.

Não será a estúpida negação, nem a fanática credibilidade que nos permitirão levantar mais um bocadinho do véu. Por isso pedimos à população de Espinho que não negue, nem acredite, que simplesmente admita. Mas se algum dia, por acaso, lhe for dado observar qualquer coisa de insólito, então contacte-nos. Tentaremos esclarecê-lo e investigar se o que observou é mais um dos tais «OVNIS».

## J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

## AGOSTINHO PEDROSA

Médico Especialista em Doenças de Criança

Consultas às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª  
Marcações desde as 15 horas

Consultório: Rua 19 n.º 343 — 1.º  
Sala - B — Telef. 920634  
Residência — Telefone, 9620795

## MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364.1.º — Telef. 921218  
ESPINHO

FÁBRICA DA BRASILEIRA



ramiro de sá couto, Ida.

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO

Papeis / Embalagens / Artes Gráficas

TELEFONE, 967101

APARTADO 11

S. PAIO DE OLEIROS

Reparações em instalações eléctricas e em todos os electrodomésticos

## ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, L.DA

VENDA DE TODO O MATERIAL ELECTRODOMESTICO  
E DE BAIXA TENSÃO

Rua 18 n.º 955

Telef. 923259

ESPINHO

# DESPORTO

## FUTEBOL

### Taça de Portugal

#### Os grandes e pequenos

Nesta prova da F.P.F. rezam os regulamentos que as equipas concorrentes aos Nacionais das três Divisões se defrontarão em jornadas eliminatórias até se apurarem as duas equipas finalistas a defrontarem-se em prélio rodado por todas as solenidades oficiais. Ao longo desta prova disputada aos soluções as equipas vão-se encontrando ao sabor do sorteio dando-nos a oportunidade de presenciarmos embates entre os poderosos e aristocráticos clubes da I Divisão e os humildes das divisões secundárias, debatendo-se constantemente com os tradicionais problemas económicos, vítimas da pequenez, ditada pelas estruturas em que o «espectáculo-futebol» assenta.

Mesmo assim alguns destes «insignificantes» clubes ainda teimam em ba-

ter o pé aos milhões de escudos que as grandes equipas representam, constata-se surpreendentes e ilógicos resultados como no caso do Arrifanense que não se intimidou de maneira nenhuma com a veterania e a experiência dum Vitória de Setúbal, com Jaime Graça, Tomé, Vagner, Jacinto João e outros nomes relativamente sonantes e impôs um segundo jogo. Contudo as equipas da região em que habitamos não resistiram perante o potencial dum Sporting ou dum Benfica, tradicionais «mandões» do nosso futebol. Daí a vitória da lógica, os retumbantes 4-1 sofridos pelo União de Lamas no seu campo frente aos «leões» de Alvalade e os espinhenses 5-1 com que o Benfica brindou, no «histórico» Estádio da Luz os «tigres» da Costa Verde.

### U. Lamas, 1 — Sporting, 4

U. LAMAS: Cardoso; Tavares, Edmundo, Chico e Sousa; Romão, Rui Manuel e Carlos Silva; Sampaio, Cipó e Leal (Artur Jorge).

SPORTING: Conhé; Vitor Gomes, Laranjeira, José Mendes e Inácio (Da Costa); Valter, Fraguito e Baltazar; Marinho, Manoel e Palhares.

Golos: Palhares, Fraguito, Laranjeira, Marinho (Sporting); Carlos Silva (U. Lamas).

Esta deslocação do Sporting a Lamas foi presenciada por imenso público apesar da incerteza quanto ao tempo.

Os leões venceram bem apesar de os números serem exagerados,

uma vez que o Lamas após a marcação do seu golo, quando o resultado ficou em 2-1, criou uma certa perturbação nas hostes leoninas, sem contudo conseguir marcar já que a linha avançada complicou imenso todo o jogo que a linha média (que jogou muito bem) fazia chegar à frente. A oportunidade mais flagrante do Lamas surgiria num remate de cabeça de Cipó salvo sobre o risco por Vitor Gomes, quando o resultado estava em 3-1.

No Lamas, Cardoso, Edmundo, Romão, Rui Manuel e Carlos Silva, foram os melhores. No Sporting Fraguito, Palhares (um jogador de grande futuro) e Laranjeira os que mais se distinguiram.

### Benfica, 5 -- S. C. Espinho, 1

Claro que seria mero idealismo, mesmo atrevimento, atrevermo-nos a esperar que o Sporting de Espinho conseguisse melhor resultado. Talvez este seja demasiado volumoso, mas a categoria dum Vítor Martins, dum Shéu, dum Néné, dum Nelinho ou dum Chalana ofuscou por certo os espinhenses. Ainda que estes evidenciassem uma vontade de bater o pé a este «Goliath» do futebol, o rubro das camisolas, o escudo de campeões nacionais, as tradições que o Estádio da Luz encerra, o peso dum relvado por onde já passaram nomes sonantes do futebol mundial, esbarriariam contra a força de vontade armazenada pelos «tigres». E os golos dos «encarnados» sucederam-se, Shéu (2), Néné (2) e Chalana (1), auxiliados pelos seus pares assediaram constantemente o último reduto espinhenses, passeando calmamente a bola, comandando as operações.

Não se poderá contudo pensar que o Sporting de Espinho tivesse sido completamente ofuscado pela

classe dos homens da casa, e a resistência que ofereceu foi notória, digna de realce, não se podendo esquecer o golo que obteve, por intermédio de Serrão que despindo-se de uma certa inibição, marcou um golo que lhe terá sabido a algo de especial, batendo o categorizado e internacional Bento.

O resultado final em 5-1 e o Espinho eliminado desta competição. O que não o afligirá muito pois as suas preocupações concentram-se totalmente no Nacional da II Divisão, em que avidamente procura a promoção.

As equipas alinharam:

**BENFICA:** Bento; Bastos Lopes, Eurico, Alinho e Alberto; José Luís, Vítor Martins e Shéu; Nelinho, Néné e Chalana.

**ESPINHO:** Quim; Gomes, Pereira, Gonçalves I e Raúl (Vaqueiro); Meireles, João Carlos (Pinto Ribeiro) e Gonçalves II; Serrão, Reis e Ma-lagueta.

## ANDEBOL

### SENIORES

SCE, 29 — Pedras Rubras, 21

Com esta vitória o SCE mantém-se isolado no 1.º lugar.

## VOLEIBOL

### Campeonato Nacional de Juniores (Femininos)

Leixões, 3 — SCE, 0  
Fluvial, 3 — SCE, 0

### Campeonato Nacional de Juvenis

AAE, 3 — Esmoriz, 2

### Campeonato Nacional de Iniciados

SCE, 3 — Esmoriz, 0  
Carvalhos, 2 — AAE, 3  
SCE, 1 — AAE, 3

Saleintam-se aqui as vitórias da AAE em juvenis e iniciados sobre o Esmoriz e SCE respectivamente.

Em iniciados o jogo entre SCE e AAE decidia qual o vencedor da série. Apesar de derrotados no 1.º set por 15-10 os juvenis da AAE venceram com toda a justiça os três seguintes pelos resultados de 15-11, 15-11 e 15-7, obtendo assim mais um espectacular triunfo, o que, a quem tenha visto ambas as equipas no princípio da época, parecerá autêntico milagre.

## De semana a semana

(Continuação da 1.ª página)

Comunicação Social não pode desconhecer a série de atropelos à democracia, os poderes ditatoriais assumidos pelo Capitão Tomás Rosa e as demissões em cadeia que se lhe seguiram, a ditadura do tenente Parente na direcção de Informação, todo o mal-estar que há meses reina na TV, e o baixíssimo nível da qualidade da sua programação.

O que, impunemente, se tem vindo a praticar na Televisão, de há meses a esta parte, é um continuado crime contra a democracia e contra os legítimos interesses do povo português.

O Secretário de Estado da Comunicação Social é responsável perante o país pela Radiotelevisão Portuguesa e tem de assumir essa responsabilidade. E, infelizmente, não nos parece que o tenha começado a fazer com o despacho

que emitiu mandando proceder a inquérito.

Lamentavelmente, do despacho do Sr. Secretário de Estado transparece mais a sua indignação por ter saído fora do Lumiar o conhecimento das irregularidades que lá se praticam, do que a preocupação de proceder a uma análise exaustiva dos males existentes e de lhes dar o remédio adequado.

E, entretanto, a RTP continuará no descabro em que se encontra...

### CAFÉ

## O TROVADOR

Serve Pregos — Cachorros  
Especialidades em Francezinhas

Av. 24 e Rua 31 — ESPINHO

## Edital n.º 13/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faz saber, no uso da competência que é conferida às Câmaras Municipais através do disposto no Decreto-Lei número 512/75, de 20 de Setembro, e em conformidade com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 5 do corrente, que durante o prazo de 20 dias, a contar da data deste edital, está aberto concurso para preenchimento de 7 vagas do contingente de automóveis de passageiros de aluguer dos que, nos termos do artigo 16.º do Decreto número 37272 de 31 de Dezembro e de conformidade com o edital número 7/76 de 26/7/76, da Direcção Geral de Transportes Terrestres de 1948, foram fixadas para as freguesias e para a sede deste Concelho, assim descritas:

**Na Freguesia de Anta — 1 vaga —** com local de estacionamento no lugar dos Altos Céus;

**Na Freguesia de Paramos — 1 vaga —** com local de estacionamento no lugar da Estrada (junto ao Café Zip-Zip);

**Na Freguesia de Silvalde — 1 vaga —** com local de estacionamento no lugar dos Covelos;

**Na Sede do Concelho de Espinho — 4 vagas —** com estacionamento no largo fronteiro à Câmara Municipal.

O programa de concurso e os modelos dos requerimentos e declarações encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal, todos os dias úteis e durante as horas normais de expediente, onde poderão ser consultados.

Espinho e Paços do Concelho, 21 de Fevereiro de 1977.

O Presidente da Câmara,

Artur Pereira Bártolo

# MARÉ VIVA



## JORNAIS FASCISTAS EM LIBERDADE

A Imprensa é o mais importante meio de comunicação escrita. A prová-lo o assalto constante que a classe dominante tenta aos órgãos de comunicação que se manifestam hostis a essa mesma classe dominante. E isto, porque através dos jornais e das revistas a burguesia amolda os espíritos das pessoas às suas prepotências, da maneira mais variada e que vai da manobra mais subtil até à actuação mais descarada.

Num mundo capitalista, regra geral, os grandes jornais e as revistas mais importantes estão sob o controlo dos grandes monopólios e da banca, que os financiam e controlam.

Há casos importantíssimos de despersonalização, de embrutecimento, de desvio às questões por parte de alguns órgãos de comunicação escrita muito «conceituados» (os tais que possuem em geral «fontes muito bem informadas») que não cabem, por serem tantos e tão vastos na pequenina página de que dispomos no «Maré Viva» para falar hoje de um tipo especial de imprensa: a imprensa fascista que hoje nos rodeia e persegue incessantemente. É, com efeito, assustador o crescimento da imprensa fascista em Portugal. Fascista, mesmo. Não dizemos propositalmente reaccionária. Porque jornais reaccionários há ainda mais. Muitos mais. E dizemos também JORNAIS porque só deles é que nos vamos hoje ocupar. Se nos debruçássemos também sobre revistas fascistas... o «Maré Viva» todo, mesmo todo, não chegaria.

Outra questão importante que queremos salientar é que vamos falar apenas dos jornais fascistas SURTIDOS APÓS O 25 DE ABRIL, pelo que o leitor não deve admirar-se de certos jornais como O COMÉRCIO DO PORTO, o TEMPLÁRIO, o LISBON POST, e quejandos não estarem aqui presentes embora o estejam ali, na tabacaria da esquina, bem expostos.

Em Portugal, em pleno período

de ditadura fascista, havia alguns jornais antifascistas. Eles estavam em geral muito escondidos, eram vendidos à sucapa e o Governo (através da P.I.D.E.) criava-lhes muitos problemas assim como criava problemas a quem os vendia e a quem os comprava. E já não falamos do caso extremo dos jornais clandestinos (o «Avante» ou o «Grito do Povo», por exemplo) que esses são casos muito especiais. Referimo-nos a jornais que até eram visados pela Censura como sejam o «Notícias da Amadora», o «Comércio do Funchal», o «Jornal do Centro», o «Jornal do Fundão», o «Opinião», o «República», o «Crítica» ou o «Voz Portucalense».

Pois agora, em Portugal, quando se pretende fazer crer que o fascismo foi derrubado e quando a Constituição Política proíbe o fascismo em qualquer versão, aparecem por todo o lado jornais (e outras publicações) fascistas, descaradamente, provocatoriamente e impunemente. Tudo isto em nome de um «certo» pluralismo e dum «certa» democracia que esses pasquins, curiosamente (e perigosamente) dizem defender.

Para que seja exercida uma vigilância constante contra o fascismo «Maré Viva» fala hoje dos jornais fascistas pós-25 de Abril que inundam a nossa praça...

## NACOS DE PROSA

Quando os jornais fascistas se apresentaram pela primeira vez a público, os seus editoriais apresentavam duas características. Uns, muito claramente, retratavam-se. Outros iam buscar ambiguidade à prateleira, diziam-se democratas e (porque não?) socialistas e prometiam lutar pela liberdade e pela Pátria. Acontece que os editoriais de hoje desses mesmos jornais são um bocadinho diferentes. Já não precisam de se esconder. Os rabos de fora já não precisam de ter os gatos escondidos.

Atentemos nestes dois exemplos:

«Teremos como primado principal do nosso destino ajudar o povo português a compreender bem a revolução e a caminhar com firmeza no caminho do progresso, em busca do socialismo que mais esteja de acordo com o seu espírito de decisão e a sua idiosincrasia na perspectiva de encontrar o mais rapidamente possível as metas ideais do

bem-estar colectivo e da felicidade individual».

Isto foi publicado no jornal «O TEMPO» — n.º 1 — de 29 de Maio de 1975. Agora o outro exemplo:

«Somos a Direita, a Direita que eles receiam. Somos mais e somos melhores. E mais fortes. Se o não fossemos não teríamos resistido à prepotência, aos desmandos, à demagogia, à maquinação diabólica que quase nos destruiu. Somos a Direita. Regressamos para reassumir a Pátria. Vamos ser (orgulhosamente sós) o único jornal da Direita que não é do Centro. Vimos ocupar a larga cratera cavada brutalmente pelo terrorismo esquerdista».

Isto foi publicado no jornal «A RUA» — n.º 1 — de 8 de Abril de 1976. Só um comentário: a profecia do jornal «A Rua» não se verificou. Não é esse o único jornal da Direita que não é do Centro. Há mais. Muitos mais...

Cuidado com eles...

## FICHA

Em resumo, alguns dos mais incisivos jornais de direita surgidos em Portugal após o 25 de Abril de 1974:

1 — **Tempo Novo** — O primeiro número surgiu em 26 de Julho de 1974. Director: José Hipólito Raposo. Semanário.

2 — **Heraldo** — O primeiro número surgiu em 25 de Dezembro de 1974. Director: Enes Baganha. Semanário.

3 — **Liberdade** — O primeiro número surgiu em 15 de Novembro de 1974. Director: Luís Arouca. Semanário.

4 — **Nova Terra** — O primeiro número surgiu em 15 de Maio de 1975. Director: Maria de Lurdes Belchior. Semanário.

5 — **Tempo** — O primeiro número surgiu em 29 de Maio de 1975. Director: Nuno Rocha. Semanário.

6 — **O Retornado** — O primeiro número surgiu em 17 de Outubro de 1975. Director: Arthur Ligne. Semanário.

7 — **Barricada** — O primeiro número surgiu em 5 de Novembro de 1975. Director: Silva Nobre. Semanário.

8 — **O Dia** — O primeiro número surgiu em 11 de Dezembro de 1975. Director: Vitorino Nemésio. Diário.

9 — **Vária Oito** — O primeiro número surgiu em 13 de Dezembro de 1975. Director: Santos Leitão. Semanário.

10 — **O País** — O primeiro número surgiu em 9 de Janeiro

de 1976. Director: José Vacondeus. Semanário.

11 — **O Diabo** — O primeiro número surgiu em 10 de Fevereiro de 1976. Director: Vera Lagoa. Semanário.

12 — **O Sol** — O primeiro número surgiu em 9 de Março de 1976. Director: Vera Lagoa. Semanário.

13 — **A Rua** — O primeiro número surgiu em 8 de Abril de 1976. Director: Manuel Maria Múrias. Semanário.

14 — **Pátria** — O primeiro número surgiu em 28 de Abril de 1976. Director: Domingos Monteiro. Semanário.

15 — **Rossio** — O primeiro número surgiu em 19 de Maio de 1976. Director: Marçal Mendes. Semanário.

16 — **A Ilustração** — O primeiro número surgiu em 29 de Junho de 1976. Director: Nuno Rocha. Semanário.

17 — **A Tribuna** — O primeiro número surgiu a 28 de Julho de 1976. Director: Teixeira Garcia. Semanário.

18 — **Presse** — O primeiro número surgiu em 30 de Novembro de 1976. Director: Adulcino Silva. Semanário.

19 — **Branco e Negro** — O primeiro número surgiu em 14 de Dezembro de 1976. Director: Braga Moreira. Semanário.

20 — **Telex** — O primeiro número surgiu em 22 de Dezembro de 1976. Director: António Correia. Semanário.

(Conclui na pág 3)

## AMOSTRA

Alguns significativos títulos de artigos em jornais fascistas, no dia em que vieram a lume. Por aqui calculará o leitor o que anda pelo «miolo».

«A descolonização exemplar — os que sacrificastes não foram os únicos; foram os primeiros».

«Rosa Coutinho é o réu de incendiar Angola numa cruel guerra civil».

«Onda criminosa de ocupações selvagens».

«Oportunismo revolucionário leva à falência da construção civil».

«Breve análise da Reforma Agrária — erros colossais e imperdoáveis».

«Ontem caminhos de glória; hoje caminhos de traição e morte».

«Alvaro Cunhal — a grande burla da revolução portuguesa».

«Se um cubano incomoda muita gente...».

«Portugal demitiu-se da História num processo de independência».

«Obrigado a Rio Maior».

«O comandante da PSP fala a O PAÍS».

«Sartre, anticomunista?».

«Uns militares esquerdistas...».

«Linguagem militar — perda de austeridade e tendência para a literatura?».

«O próximo golpe».

«MFA — um motor espúrio».

«De novo em Rio Maior — agricultores discutirão a Reforma Agrária».

«Luanda celebrou o aniversário do MPLA mas a luta continua em todas as frentes».

«Spínola revela — plano comunista de acção na Península Ibérica».

«Natal nacionalizado».

«Mercado comunista de escravos no século XX».

(Continua na pág. 6)



PORTE  
PAGO